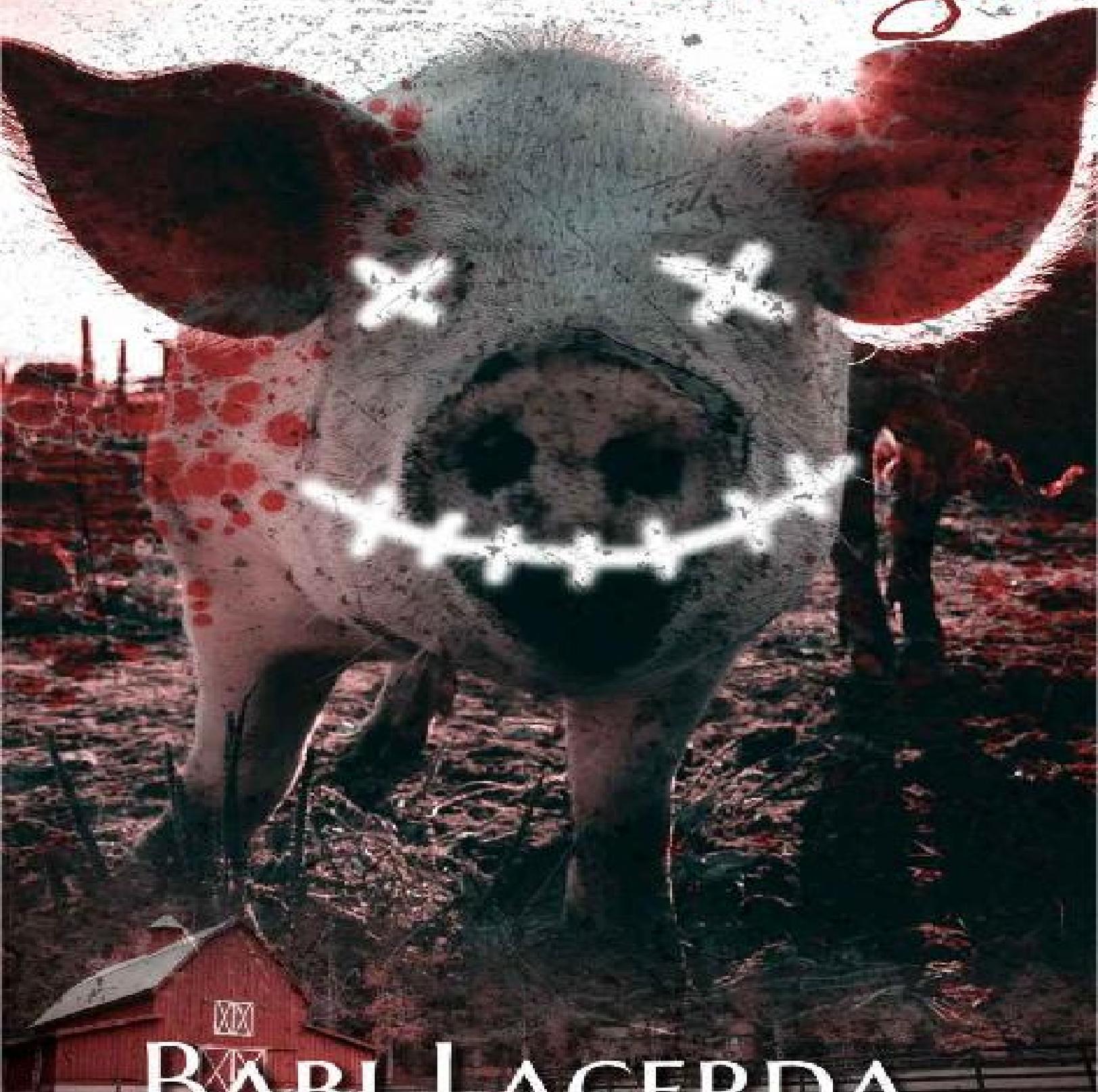


Entre Porcos e Sangue



BABI LACERDA



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

**"Quando o mundo estiver
unido na busca do**

**conhecimento, e não mais
lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade
poderá enfim evoluir a um
novo nível."**



Copyright © 2019 Bárbara Lacerda

Todos os direitos reservados. É expressamente proibida a reprodução total ou parcial dessa obra através de qualquer outro meio, mecânico ou eletrônico, incluindo fotocópia, gravação ou armazenamento em sistema sem autorização por escrita do autor ou editor. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Publicado de maneira independente por Babi Lacerda pela Amazon.

Capa: Charlitto Ogami

Diagramação: Babi Lacerda

Lacerda/ Babi

Entre Porcos e Sangue/ Babi Lacerda

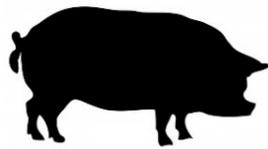
Rio Claro/ SP – 2019

Literatura Brasileira. Conto. Thriller Psicológico. Impróprio para menores de 16 anos.

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

APOIE A LITERATURA NACIONAL

Esse conto foi um dos ganhadores do 1º Festival de Histórias Sombrias.



As emoções humanas são um presente de nossos ancestrais animais.
Crueldade é um presente que a humanidade deu a si mesma.

Hannibal Lecter

ENTRE PORCOS E SANGUE

Há uma linha tênue entre o fanatismo e a maldade humana.

Babi

Lacerda

09 de agosto de 2018

05:45

Rebeca

O grande astro rei iniciava seu espetáculo no horizonte. Eu bebericava um café da *Starbucks* no copo de papel, torcendo para não derrubar em minha roupa, já que ser desastrada era uma das minhas principais características. Nunca entendi qual era a desse café; definitivamente algumas modernidades não me apeteciam, mas eu precisava de café circulando em minhas veias e esse era o mais prático para o momento.

A estrada estava vazia e o caminho até o interior de São Paulo não era longo. Estava com uma das mãos no volante, outra no café e os olhos compenetrados no horizonte ao som de um *flashback* dos anos 80. Finalmente, após cinco anos, eu retornaria para as minhas origens, ainda que por poucos dias.

Assim que meu celular começa a vibrar, já tenho a certeza de que é minha mãe:

— Rebeca, querida, você já chegou?

— Olá, mãe, tudo bem comigo e com a senhora?

Ela ri, pede desculpas rápida e superficialmente; ela está ansiosa, como sempre foi.

— Só queria me certificar de que está tudo bem. Você sabe que desde o acidente a estrada se tornou minha inimiga declarada.

— Está tudo perfeitamente bem, mãe. A estrada está vazia e em duas horas eu devo chegar, prometo que te aviso.

Antes que ela pudesse falar pela milésima vez que no sítio não havia sinal para ligações, e muito menos internet (era tudo o que eu queria, me desligar do mundo), fiz o possível para tranquilizá-la, lembrando que eu sabia os pontos da velha estrada de terra batida, nos quais havia nossas algemas em forma de ERB's*.

Nos despedimos e meu coração ficou pequeno, como se uma mão o apertasse, seriam quatro dias sem poder vê-la em nossas chamadas diárias pelo Skype; queria me desligar do mundo, mas não dela, porém eu estava feliz em saber que enfim minha mãe havia realizado seu sonho, e hoje residia em Figueiró dos Vinhos, em Portugal.

O ponto do acidente se aproximava. Meus olhos marejaram; desde que meu pai havia morrido naquela estrada, eu nunca mais havia saído de São Paulo, nem sequer para mergulhar na água salgada, apesar dos inúmeros convites de amigos. Tentei afastar os pensamentos, mas foi inevitável. Meu cérebro havia se tornado uma máquina do tempo incontrolável, trazendo à tona todas as imagens do acidente, estampadas nos jornais locais, além das cenas que foram incansavelmente televisionadas. A Mercedes retorcida, o caminhão tombado, e as marcas de pneus carimbadas no asfalto.

Por sorte, meu celular vibrou, dissipando aquela nuvem negra de lembranças que havia se alojado dentro do meu carro. Era meu ex-marido, contando que haviam chegado nos Estados Unidos e que nosso filho estava empolgado. Falei com ele e com meu filho, além de falar com sua atual esposa, já que tínhamos um ótimo relacionamento.

**ERB's são Estações Rádio Base ou ERBs são equipamentos que fazem a conexão entre os telefones celulares e a companhia telefônica, ou mais precisamente a Central de Comutação e Controle.*

A empolgação do meu filho por poder conhecer a Disney era contagiante. Quando desliguei, eu já estava bem à frente do local fatídico. Respirei fundo e soltei o ar com força; a sensação de afogamento tinha passado.

Ocupei minha mente com pensamentos bons: meu filho, minha mãe e meu livro, que enfim havia sido lançado por uma editora. O relatório de vendas estava satisfatório e parecia um sonho. Era um sonho. Foram cinco anos de pura dedicação, muitas frustrações, muitas lágrimas e muitas dúvidas. Vontade de desistir não me faltou, mas, na mesma proporção, encontrei muitas pessoas que acreditaram em mim. O último ano havia sido o mais cansativo e por isso eu precisava de uns dias.

O tempo passou rápido e quando percebi eu já estava na estrada de terra. As placas ainda estavam lá, lembro do dia em que pregamos todas elas. Meu primo e eu nos sentimos verdadeiros engenheiros enquanto martelávamos placa por placa.

Mais memórias invadiram minha mente, dessa vez eram memórias alegres e coloridas. Foram muitos finais de semana em família no Sítio do Sossego, e uma grande nostalgia tomou conta de todo meu coração. A saudade me abraçou com força, machucando, mas também me acalentando. Sorri, enquanto poucas lágrimas rolaram pelo meu rosto.

Após quarenta minutos, ali estava o sítio: a grande porteira, agora branca, estava aberta; entrei com o carro e, enquanto descia até a casa, fiquei admirada com as grandes mudanças que meu primo Raphael havia feito ali. Hoje o sítio produzia, antigamente ele era apenas para diversão.

Desliguei o carro, juntei as minhas coisas dentro da bolsa e, quando fui abrir a porta, levei um susto.

— Seja bem-vinda!

Tentei disfarçar minha cara de espanto e agradecer com a mesma simpatia daquela pequena garota, mas falhei terrivelmente.

— Eu sou normal, apenas diferente, não se assuste.

Definitivamente eu quis cavar um buraco e sumir. Eu e minha maldita expressão facial involuntária! Me perdi nas palavras e fui salva pela esposa do caseiro.

— Olá, ocê é a escritora?! — sorriu a senhora com seus cabelos desgrenhados e grisalhos, revelando alguns dentes a menos na parte de cima da boca. — Venha, vou te acompanhá até a porta e amostrar a casa.

— Prazer, eu sou a Rebeca! — Forcei um meio sorriso, ainda não me considerava uma escritora, por incrível que pareça. — Conheço bem a casa.

— Ah, não! Ela está bem diferente, o seu Raphael fez muita reforma por aqui. Ah, já ia me esquecendo, me chamo Rosária.

— Cadê ele por falar nisso? Ele disse que estaria aqui.

Rosária me olhou fixamente por alguns segundos, o sorriso havia se esvaído e uma feição sombria tomou conta do seu rosto.

— Ele precisô ficá com o seu tio. Ele teve umas noite agitada e cê sabe como é o relacionamento deles, não sabe?

Assenti com a cabeça, mesmo achando estranho. De fato, eles eram próximos, beirava um relacionamento tóxico, eu diria, mas há muito tempo havia desistido de aconselhá-los sobre isso.

11 de agosto de 2018

04:21

Sargento Sartori

Em dez anos como policial civil, eu nunca havia presenciado algo tão devastador. Já havia ouvido falar, já havia visto em filmes e séries, mas quando aconteceu de verdade, apesar de todo preparo, treinamento físico e psicológico, eu me desestabilizei por alguns minutos.

O cheiro metálico e adocicado de sangue invadiu minhas narinas. O suco gástrico se agitou e queimou meu estômago, alcançando para minha garganta. Cuspi algo semelhante a vômito. Ouvi um celular vibrando. A luz

da lanterna não estava ajudando, fui sendo guiado pelo som até me deparar com um porco acinzentado enorme parado e me encarando. Fiquei imóvel, o animal pesava uns 150 quilos ou mais, e seu fuço estava ensanguentado. Mirei minha Glock e esperei; não queria matar o animal, quando de repente ouvi um grito abafado.

— Socorro! Me tirem daqui!

O porco grunhiu alto e veio em minha direção, talvez pelo grito que rasgou o silêncio fúnebre. Não pensei duas vezes e atirei no meio de sua testa. O animal não morreu de imediato e ficou se contorcendo no chão, me aproximei rapidamente e atirei novamente.

— Rebeca? Amanda? É a polícia.

O celular voltou a vibrar, peguei meu rádio, solicitei reforços, coisa que eu já deveria ter feito, mas tudo aquilo estava mexendo demais comigo e atrapalhando minhas funções como policial. Ouvi um barulho de galhos secos, joguei a luz da lanterna na direção do ruído e a figura daquela garota me assustou mais do que o porco.

— Não se mexa — ordenei com a arma apontada.

Ela levantou os braços e senti um pavor enorme explodir em meu peito quando as luzes vermelhas e azuis coloriram aquela bizarra garota em sua cadeira de rodas, usando uma cabeça de porco.

Apoiei as mãos nos joelhos, tomando fôlego. Quando me virei, a menina havia sumido, restando apenas a cadeira de rodas; com a arma ainda apontada, eu me aproximei devagar da cadeira, e para minha surpresa havia um recado no chão cheio de lama:

“Salve a Rebeca”.

09 de agosto de 2018

8:30

Rebeca

Entrei na casa e fiquei admirada com o quanto ela estava diferente, mas não pude deixar de notar que a essência dela ainda se fazia presente. Rústica como sempre, mas bem mais moderna, tinha até uma televisão moderna e mais fina que meu celular. Rosária me mostrou as mudanças: a casa ainda

tinha quatro grandes quartos, sendo um deles uma bela suíte, ocupada pelo meu primo, um banheiro confortável, uma grande sala e uma grande cozinha. Caminhei pela cozinha, passando as pontas dos dedos pelas cadeiras de madeira, como se eu estivesse acariciando o ombro de cada um que já as havia ocupado. Fechei os olhos por alguns instantes, e quando os abri, a garota estava parada na minha frente. A encarei, era desconfortável olhá-la.

— Oi, eu sou a Amanda, não consegui me apresentar mais cedo. — Estendeu sua pequena mão. — Então você é escritora de verdade?

Ela era estrábica. Um dos seus olhos parecia ter vida própria, movendo-se rapidamente, enquanto o outro se mantinha imóvel. A claridade a incomodava, era nítido, mas me peguei pensando no quanto deveria ser desconfortável dormir com aquela corcunda enorme. Naquele momento, eu senti muita pena.

— Olá, eu sou a Rebeca como já deve saber e, sim, sou escritora, ou ao menos tento ser! — Estendi a mão e apertei a dela, sorrindo amigavelmente. — Quantos anos você tem?

— Tenho 13 anos, mas sou menor que as meninas dessa idade, por causa do meu problema na coluna.

Imaginei o quanto ela devia sofrer na escola; lembrei do quanto eu chorei por ter sido uma adolescente acima do peso e percebi que eu nunca tive um problema de fato. Meu estômago até embrulhou. Ela devia ser muito hostilizada. Crianças são cruéis. Foi quando ouvi Rosária gritar:

— Suba, Amanda, vá ajudar seu avô agora, não percebe que a moça carece de descansar?

A pequena garota obedeceu à dona Rosária, mas não gostou muito de ter sido enxotada como foi. Eu a reprovei com o olhar.

— Dona Rebeca, não é por nada, mas se ocê der atenção pra minha neta, ela não vai te deixá em paz, e o seu Raphael disse que ocê qué descansá.

— Isso quem decide sou eu, não acha? — Acabei sendo ríspida sem querer, mas a maneira como ela dispensou a própria neta me incomodou. — É albinismo? — perguntei com um tom mais amigável. Era uma pergunta óbvia, mas eu queria quebrar o gelo.

— Sim, ela é albina, por isso ela é tão branca, assim como os cabelo e os cílios, além do pobrema no zóio.

— E a coluna?

— É carcunda, apenas isso, os médico diz que ela acumula gordura naquela região e deram um nome diferente, mas num me alembro. Dona Rebeca, óia pra nós, ainda que tivesse algum tratamento, acha que temu condição?

Cortei o assunto, não queria absorver aquele problema, ao longo dos meus 42 anos eu já tinha uma coleção razoável deles. Rebati com outra pergunta, algo que estava me incomodando.

— O que aconteceu com meu tio? Falei ontem com meu primo e ele não mencionou nada.

— Eu num sei direito, o seu Raphael recebeu uma ligação da crínica e saiu apressado, disse que o pai precisava dele e pediu pra mim avisá a senhora.

— Certo. Eu vou tomar um banho e descansar um pouco. Não se preocupe em fazer almoço pra mim, eu trouxe muita coisa e quero cozinhar, faz tempo que não cozinho sem pressa.

Rosária assentiu e se afastou. Entrei no quarto do meu primo, queria encontrar algo que confirmasse a história contada por ela. Vasculhei as gavetas, armários, tudo impecavelmente arrumado, típico dele; sempre acreditei que essa neurose que ele nutria fosse o principal motivo por ele ter se tornado tão solitário. Peguei algumas fotos antigas que encontrei, sentei na cama. Olhava cada uma delas com calma quando o celular tocou. Não era o toque do meu, ainda assim o tirei do bolso. Não era o meu de fato. O toque aumentava gradativamente; me abaixei e lá estava, embaixo da cama: o celular do meu primo berrava, como uma criança mimada, mas era apenas o alarme: “Remédio” era o lembrete estampado na tela.

Desci até o rio. Meu primo jamais esqueceria o celular! Tive vontade de pegar o carro e ir até a clínica, tinha algo errado, mas tentei me enganar. Afirmava para mim mesma que certamente ele saiu apressado por causa do pai. Já na margem do rio, o frescor e o cheiro de natureza eram uma infusão mágica para meus pulmões castigados pela poluição da grande metrópole.

Olhei para o céu e as nuvens estavam escuras, era questão de tempo para que a chuva começasse a cair, e lembrei que o rio sempre enchia bastante dependendo da chuva. Um vento gelado atípico soprou, o que me causou

um calafrio e uma secura na boca. Decidi caminhar de volta até a casa, ainda eram 9:42 da manhã. Passei pelo galinheiro e as galinhas estavam recolhidas, mas notei duas delas parcialmente despenadas e mancadas.

Segui até o chiqueiro, que era bem grande, assim como os porcos que ali habitavam. O espaço tinha uma grande parte coberta e acredito que a maioria dos animais também tinha se recolhido. O fedor invadiu minhas narinas, anulando todo o frescor inalado minutos atrás. Já estava me afastando, quando ouvi uma melodia; alguém cantarolava uma bela canção de ninar. Acompanhei o som, vinha de dentro da parte coberta do chiqueiro, passei pela cerca de madeira; mesmo sabendo que eu me arrependeria, pois iria sujar meus tênis, minha curiosidade foi maior que tudo.

Sorratamente, abri a grande porta de correr que já estava semiaberta. Amanda estava sentada no meio dos porcos, cantando com uma técnica chamada *Boca Chiusa**, emitindo um som anasalado, sem abrir a boca. Os porcos pareciam hipnotizados. Senti falta dos cabelos brancos como algodão que ela carregava em sua cabeça. Fui me aproximando lentamente, não queria estragar aquele momento dela, foi então que todos meus músculos ficaram tensionados; um grito subiu pela minha garganta, mas consegui segurar, meu coração acelerou como se fosse rasgar minha carne e meu estômago quis devolver os cookies que belisquei durante o trajeto.

Amanda vestia uma cabeça de porco, idêntica aos porcos dali. Não era uma máscara de borracha, era a cabeça de um porco morto. Lágrimas brotaram involuntariamente em meus olhos e sai dali o mais rápido que pude, sem fazer barulho. Subi a pequena ladeira até a casa tão rápida quanto um cometa e corri para o banho. A chuva veio com força.

**Boca Chiusa é um termo em italiano que se refere a cantar com a boca fechada, esta é uma técnica muito utilizada em vocalizes por trabalhar com a ressonância nasal.*

10 de agosto de 2018

8:00

Rebeca

— Alô! Alô! Oi, tá me ouvindo?

— Senhora, a ligação está horrível, sua voz está saindo picada. Senhora?

— Oi, eu só queria informação sobre um paciente... alô!

Desliguei com raiva e joguei o celular no painel do carro. Ir embora não era uma alternativa agora. Ontem havia chovido o dia todo, além de boa parte da madrugada. Seria quase um suicídio prosseguir naquela estrada que havia virado pura lama. A próxima torre ficava longe. Droga, mil vezes droga. O Sítio do Sossego estava tirando o meu.

09 de agosto de 2018

12:00

Rebeca

Após um banho demorado e um cochilo de quase duas horas, levantei e fui preparar uma macarronada ao alho e óleo. Abri uma cerveja, coloquei os fones e fui brincar na cozinha, tentando não pensar no meu primo e nem na cena bizarra que havia presenciado, afinal, eu estava aqui para descansar. Involuntariamente, meu corpo foi seguindo o ritmo de uma música latina que estava tocando em minha *playlist*; o cheiro do alho fritando estava trazendo vida aquela cozinha.

Fechei os olhos e bailei mais um pouco até esbarrar em algo. Abri os olhos e era Amanda. Soltei um berro como se alguém tivesse enfiado uma faca na minha barriga.

— Nunca mais me assuste assim, menina! — esbravejei. — Como que você entra aqui assim? Que saco! — Eu me arrependi logo em seguida, mas ela realmente tinha me assustado.

— Desculpe, dona Rebeca escritora. Acho que isso é seu.

Ela me entregou um pequeno bloco de anotações que sempre carrego comigo. Deve ter caído quando passei pela cerca de madeira. *Droga, que inferno.*

Tomei da mão dela com raiva e guardei.

— O que estava fazendo no chiqueiro?

— Eu não estava lá.

— Mentir é feio, Rebeca. — Ela usou um tom que não gostei e já havia parado de me chamar de dona. Não que eu ligasse, mas tinha algo estranho no ar. — Você deixou pegadas no chiqueiro e seus tênis ali fora estão sujos.

“Menina enxerida, achei que ela mal enxergasse”. Antes que eu pudesse responder, ela falou, foi como se ela tivesse lido minha mente:

— Eu não enxergo quase nada, mas sou muito boa com cheiros e toques, Rebeca.

— Se alguém tem que perguntar algo aqui, esse alguém sou eu. O que você fazia sentada no meio de um monte de porcos imundos e, ainda por cima, usando a cabeça de um deles?

— Você nem imagina o quanto os porcos são inteligentes; eu usei a minha cabeça de porco para que eles se identificassem comigo. São meus amigos.

Eu não entendi os motivos dela e não quis mais questionar, visto que Amanda já havia dado todos os sinais possíveis de que tinha algum tipo de problema mental. Desliguei o fogão, vesti uma capa de chuva e segui até a casa dos avós dela. Ela tentou me alcançar com suas pernas curtas, mas cheguei primeiro.

Bati palmas e dona Rosária apareceu com o avental todo cheio de sangue e os cabelos, gravemente grisalhos e secos, presos em um coque qualquer. Não demorou muito, apareceu o marido dela, ao qual eu ainda não havia sido apresentada. Ele segurava duas galinhas mortas, degoladas que ainda se debatiam.

— Dona Rosária, eu não quero ser chata, mas a Amanda não pode entrar e sair da casa a hora que bem entender. — Eu sabia que estava sendo contraditória, pois quando a própria avó a expulsou, eu fiquei brava, mas a questão é que aquela menina passou a me dar calafrios após o episódio dos porcos.

— Oi dona, prazer, sou o José Mauro. — Ele deu a mão para mim, retribuí, apertando aquela mão com dedos tortos e cheia de calos. — Pode deixá que a Amanda num vai mais incomodá a senhora. — José pigarreou e cuspiu no chão, enquanto, na outra mão, as galinhas ainda tinham espasmos. Em seguida, sorriu para mim, revelando dentes escurecidos pelo tabaco e restos de fumo nos cantos da boca. — Vê ter uma conversa séria com essa desgraçada maluca. — Piscando seu olho de vidro na direção de Amanda, que estava acuada.

Naquele momento, o arrependimento tomou conta de mim.

— Não quero que bata nela, apenas converse, eu só quero um pouco de privacidade — falei sem jeito.

Dona Rosária apenas me observava, então virei as costas e sai; dei cinco passos e José Mauro chamou.

— Dona escritora, venha jantar conosco. — Levantando aquelas galinhas decepadas como se fossem um troféu. — Vai ser um prazer, vem aqui às 7.

Eu não neguei e não aceitei, mas eu sabia que iria, queria tentar entender Amanda. Almocei e fui assistir a um filme. Antes de mais nada, tranquei a porta da sala. De repente, eu estava com medo e ainda não sabia do que ou de quem exatamente.

O banco de trás desse carro não é confortável, pensei comigo mesma, mas não queria comentar, ele estava tão feliz com sua Mercedes nova, uma grande conquista no auge dos seus 67 anos e ele merecia.

— Pai? Tio? Onde estamos indo? — perguntei animada, mas ninguém me respondeu. — Paaaaaai? Tiiiiiooo? Ooooooi? Parem com isso, vocês estão me assustando. — Desencostei do banco e enfiei minha cabeça entre os dois bancos, como uma criança faria.

Gritei até ficar rouca: meu pai estava desfigurado e meu tio com a garganta cortada, enquanto o sangue jorrava como uma cascata. Olhei para frente e o caminhão preto se aproximava. A Mercedes estava cravada em 160 km/h, íamos nos chocar de frente, eu berrava e tentava abrir as portas, chorando, gritando vários “nãos”, olhei para o caminhão novamente e ele abriu uma boca enorme, com dentes pontiagudos, soltando fogo pelos seus longos escapamentos de cima.

— *Eu vou morrer!*

Acordei com meu próprio choro, suando frio e com um barulho perturbador na porta. Ao mesmo tempo que o alívio tomava conta do meu corpo, eu ainda estava assustada pelo sonho e principalmente pelo barulho. Minha respiração estava descompassada, fui retomando aos poucos, até ouvir de novo o arranhar na porta. “Que merda é essa?”. Fui pé ante pé até a bendita porta, certa de que era coisa da Amanda, encostei o ouvido e nada. Quando fui me afastar, a porta tremeu e o arranhar voltou; pulei para trás, aos berros e ofegante.

— Quem está aí? — gritei.

Corri até o quarto do Rapha e peguei a espingarda, ainda estava no mesmo lugar de sempre; carreguei e fui até a sala. Posicionei-me em frente a porta, contei até três, respirei fundo e abri. Não tinha nada e nem ninguém. Sai pela varanda, empunhando a arma e então o maldito cachaço passou correndo e me derrubou; atirei para cima sem querer, quebrando parte das telhas e, enquanto me levantava, vi duas botinas sujas de lama na minha frente.

— Muié e arma de fogo nunca vai dá certo. — Era José Mauro, carregado de machismo, típico dos homens mais velhos. — Se machucô, dona?

— Não, não me machuquei. Que merda foi essa? O que esse porco estava fazendo aqui?

— Escapô enquanto eu cuidava deles, esses bicho têm uma força e são bem dos espertos, acredite ou não.

— Cadê a Amanda?

— Está de castigo no quarto dela. Por que quer saber?

— Eu fiquei com dó dela, acho que fui muito precipitada, poderia ter conversado com ela primeiro e não levado até vocês.

— Que nada, dona, essa menina é uma maldição. É só oiá pra ela. — Ele pigarreou de novo, com certeza era um hábito. — Desde que ela chegou aqui, é só desgraceira, dona. Galinha que aparece depenada e doente, prantação que num vinga, os porco se agita e muitas vez escapa; o seu Chico do sítio de cima adoeceu, dona Benedita do sítio de frente morreu, precisa de ver. Eu se fosse a senhora ia m'embora assim que possívi.

Eu o encarei e então cai na gargalhada. Ele permaneceu sério.

— Me desculpe, seu José, mas isso tudo são apenas fatalidades e coincidências, sua neta não causou nada disso. As galinhas devem estar doentes, os porcos não estão sendo presos como devem, a plantação não deve estar indo para frente devido ao calor e ao tempo seco e, quanto aos vizinhos, são fatalidades, com certeza eram pessoas mais velhas.

— Bão, são 5 hora, o jantar sai 7, mió a senhora ir se arrumá, dona.

Dito isso, ele se afastou. Eu estava perplexa em saber que ainda existiam pessoas que tinham uma mente tão retrógada assim. Um sentimento de culpa invadiu meu coração e eu só queria ter certeza de que Amanda estava bem.

No trajeto até a casa deles, não pude deixar de reparar na lua; era praticamente um *sol lunar* ou um *sol azul*. Ela clareava muito. Infelizmente não tinha estrelas, queria ver aquele céu de interior maravilhoso.

Os três estavam na varanda. Entreguei uma caixa de bombons que havia trazido e continuei segurando o vinho frisante; José Mauro se animou com o vinho e Amanda com os bombons, já Rosária apenas sorriu, sem demonstrar empolgação. A casa era simples, mas o cheiro estava convidativo.

— Eu vou guardar o vinho na geladeira. — Eu quis ser prestativa.

Rosária tomou o vinho das minhas mãos bruscamente.

— Pó dexá que eu guardo, dona Rebeca.

— Não liga não dona, minha muié tá nervosa cas prantação e cas galinha, encontrei mais duas morta hoje, sem motivo aparente.

Sentei-me no degrau da varanda junto com o Amanda, que estava calada e encolhida.

— Olá, Amanda, me desculpe se fui grossa com você mais cedo. Eu estou preocupada com meu tio, você entende isso?

Ela apenas assentiu, sem olhar diretamente para mim. Mesmo sabendo que ela mal enxerga, ela sempre virava a cabeça em minha direção, mas não dessa vez.

Rosária logo reapareceu com 3 copos de vinho. Eu nem me lembrei que talvez eles não tivessem taças, mas eu só precisava do álcool, precisava dessa sensação. Logo o jantar foi servido e comi mais do que estava acostumada, a comida dela realmente era muito gostosa. Voltei até a casa, abri outro vinho enquanto ouvia a chuva que recomeçava lá fora; não liguei a TV, apenas deixei o abajur acesso e fiquei no sofá, pensando na vida. Abri novamente meu notebook, só para olhar mais uma vez o relatório de vendas do meu livro, era surreal, jamais imaginei que eu conseguiria alcançar um certo sucesso. Um sorriso se formava em meus lábios, até eu ouvir gritos.

Dei um gole generoso no vinho e espiei pela janela. O álcool corria pelo meu sangue, aquecendo a minha pele, queimando meu estômago e me deixando letárgica. Permaneci na janela, mas estava bem escuro, apesar da enorme lua. Foi quando Amanda passou correndo, toda torta devido à sua corcunda. Os porcos começaram a grunhir muito alto, era como se eles

quisessem proteger Amanda, ou era eu que já estava invocando meu lado criativo; eles se agitaram, cheguei a pensar que fossem derrubar o chiqueiro todo. Meus olhos foram ficando pesados, maldito vinho. José Mauro passou correndo atrás de Amanda, com um machado em mãos. Os gritos duraram horas e horas, mas eu apaguei bem antes disso. Como eu sei? Foi a única explicação plausível que encontramos após saber dos fatos.

10 de agosto de 2018

01:17

Thomaz

Eu sabia que todo o mal daquele lugar era devido à aberração que ali aparecera outrora, mas também sabia de todo o poder que essa monstrelha carregava por baixo daquela pele leitosa. Tentei convencer Helena e Antônio, mas eles foram resistentes quanto a isso, não teve outro jeito. José Mauro não teria a coragem necessária, então eu tive que pegar o machado e tirar a perna direita de Amanda; a idade já não ajuda como antes, foram necessários dois golpes acima do joelho.

Estava feito, o primeiro membro estava em meu poder, agora só seria necessária uma boa desculpa para que Rebeca não desconfiasse ainda mais. Maldita hora que essa escritora apareceu por aqui.

— Ela vai morrer de hemorragia, o combinado nunca foi esse, não quero a menina morta, pelo amor de Deus, já carrego sangue em minhas mãos.

— Cale a boca, Antônio, precisamos de um maçarico. Helena? — chamei a esposa de Antônio, que prontamente surgiu na margem do rio onde estávamos. — Traga o maçarico, senão a menina vai morrer.

Passados uns dez minutos, Helena voltou com o que pedi.

— A escritora está dormindo?

— Sim, está tudo quieto, ela bebeu bastante e eu coloquei meio Dormonid no copo dela, só vai acordar mais tarde, não se preocupe.

— Ótimo, agora coloquem um pano na boca da menina e a segurem, isso vai queimar, literalmente — gargalhei.

Amanda urrou de dor enquanto defecava e urinava sem controle algum. Seus algozes riam e invocavam seus protetores em um ritual macabro. A

pobre menina desmaiou.

— Ela morreu, Thomaz?

— Claro que não, apenas apagou. Pare de ser um bebê chorão. Ande, corte uma mecha do cabelo dela; essa metade de perna albina e esses cabelos valem uma fortuna no mercado negro da feitiçaria. Além disso, em breve seremos ricos e poderosos. Esses seres possuem propriedades mágicas.

Percebi que Antônio estava querendo desistir de tudo, isso não me agradou. Havia sido muito difícil encontrar uma criança albina nessa região, ele não estragaria tudo. Se eu ainda morasse em Shinyanga, seria mais simples.

— Mas, Thomaz, você disse que os albinos causavam coisas ruins, mau presságio, que era culpa dela tudo que vem acontecendo com os animais, plantações e agora diz que fará dinheiro no mercado negro e que são mágicos, eu estou confuso.

— Antônio, apenas confie em mim. Vivos não trazem nada de bom, mas mortos são valiosos, porém não podemos simplesmente dar cabo da menina, tudo tem seu tempo.

Definitivamente, o Antônio estava se tornando uma pedra no meu sapato.

Convenci a continuarem com seus novos personagens, Rosária e José Mauro, após uma longa conversa e uma promessa generosa, financeiramente falando.

— Agora vão. Lembrem-se: vocês são dois caseiros, se comportem como tal, falem como tal e inventem uma boa desculpa para essa maldita escritora sobre a perna da menina.

Amanda era como uma mina de dinheiro.

10 de agosto de 2018

06.56

Amanda

Eu já não suporto mais isso, Rebeca não deve ter visto meu bilhete no caderno dela quando o devolvi, talvez seja melhor assim, se ela se envolver, pode acabar morta. Tudo dói, são dores lancinantes pelo meu corpo disforme, mas o que mais dói é a minha alma. Amputaram a minha perna e a queimaram, apenas por eu ser diferente, pela cor do meu cabelo, pela cor

da minha pele, pela minha corcunda, como se eu tivesse pedido para nascer assim. Meus olhos talvez sejam uma benção, pois eu nunca consegui ver o meu reflexo de fato. Acreditei que eu era um monstro, uma aberração, como eles sempre disseram. Mas qual a definição de aberração, afinal? No meu mundo, eles são as aberrações, os monstros e os que espalham o mal.

Meus amigos são os porcos e, talvez, a Rebeca. Eu estou com medo e suja. Minha avó ainda não me limpou e sinto o forte cheiro de fezes misturado ao de urina; fora isso, minha carne cheira a queimado ainda.

Como vou chegar até o chiqueiro agora?. Meu plano está falhando e eles vão acabar me matando. Ouço o carro da Rebeca. Será que ela está indo embora? Caio em um choro profundo, então chamo pela vovó, mas quem aparece é o vovô.

— O que você quer, Amanda?

— Eu só queria me limpar e sair na varanda.

— Sua avó não vai gostar disso, os vizinhos e a escritora vão perguntar, o que vamos dizer?

— Vamos dizer que eu levantei escondido durante a noite, desci até o rio e uma pedra rolou por cima da minha perna e a esmagou, por isso tivemos que amputar para me tirar dali.

— Hum! É uma ideia até que boa.

Ter que fazer de conta que eu aceitava aquilo, era como amputar um pedaço do meu coração, já que a minha inocência havia sido tirada dois anos atrás pelo Thomaz, afinal, tirar a pureza de uma albina era sinônimo de que ele teria a mulher mais linda do mundo, e a garantia que só teria filhos homens e inteligentes.

10 de agosto de 2018

9:00

Rebeca

Assim que voltei da torre, frustrada por não ter conseguido ligar para a clínica onde meu tio está, e com a cabeça explodindo após beber uma quantia razoável de vinho na noite anterior, noto que Amanda está em uma cadeira de rodas velha e grande para o tamanho dela, mas custo a entender

que há um curativo mal feito em seu joelho. Estaciono o carro em frente à casa dos caseiros e fico estarecida quando percebo que está faltando metade da perna da menina.

— Mas o que aconteceu aqui? — pergunto de forma alterada para os avós que estão sentados ao lado dela, chupando laranjas.

— Sabe como é, dona! Criança não para quieta. Ontem, c'aquela chuva que Deus mandava, essa fujona desceu até o rio, uma pedra enorme rolô e esmagou a perna da coitadinha, tivemos que serrar.

— Como é? Serrar? — Meu estômago estava revirado e eu estava com ódio daqueles dois. — Ninguém pensou em chamar um vizinho?

— Escuta aqui, dona Rebeca — Rosária elevou o tom de voz comigo —, isso aqui num é a cidade grande, não. Estamos no meio do nada, sem recurso, sem sinal de telefone e ontem a chuva tava forte, queria o que? Que a gente deixasse a menina lá até o rio subí? Hoje teríamos enterrado nossa neta, então faz favô de baixar a sua crista.

Engoli seco, junto com a minha vontade de enfiar um tapa na cara daquela velha. Eu não confiava nela e isso só piorava. Olhei para a Amanda encolhida naquela cadeira e com o curativo sangrando. Tive vontade de levá-la comigo, mas virei as costas, entrei no carro e desci até a casa. Eu ia embora, estava decidido. Iria acionar o conselho tutelar assim que entrasse na primeira cidade.

Entre naquela casa sentindo meu sangue ferver de tanto ódio, procurei pelo celular do Raphael, na esperança de ter algum sinal, mas nada. Enfiei o aparelho no bolso, já que o dele era mais moderno e eventualmente captava um pouco de sinal. Comecei a arrumar minhas coisas; eu não suportaria ficar ali mais um dia sequer. Fui até a cozinha atrás de álcool, quando me deparei com o caderninho que Amanda havia me devolvido, jogado na pia. Tinha alguma coisa ali.

Havia uma foto de um casal, uma senhora muito simpática e um senhor forte, que certamente havia sido um rapaz bonito. Dentro do caderninho, um bilhete; fiquei admirada por Amanda conseguir escrever, devido ao problema com os olhos. Tive grande dificuldade para entender, mas assim que compreendi o bilhete dela, cai sentada na cadeira. Meu coração parou por alguns segundos e tive vontade de pegar a espingarda.

“Oi Rebeca escritora. Espero que entenda minha letra ser ruim. Olhe a foto do vovô e da vovó, acho que esse casal não são eles. Mal consigo ver, mas lembra que te contei sobre os toques e cheiros? Cuidado com o feiticeiro Thomaz ele é cruel. Fuja Rebeca escritora e me tire daqui por favor.

Com amor, Amanda.”

Virei lentamente a foto que Amanda me entregou, “Rosária e José Mauro, 2012”. O ar não estava chegando até meus pulmões, senti uma vertigem forte e vontade de vomitar. Se eles não eram os avós de Amanda, quem eram, então? E cadê os avós verdadeiros? Arrumei todas as minhas coisas e enfiei no carro, eu ia embora e não levaria Amanda. Eu não queria me envolver em um problema dessa magnitude, iria apenas procurar a polícia e eles que resolvessem isso. Estava colocando a última bolsa no carro, quando vi que um carro preto entrou no sítio, por um instante achei que era meu primo, eu não sabia qual veículo ele tinha no momento, e senti um alívio, mas logo estacionou na casa dos caseiros e de dentro saiu um homem alto e forte. Fiquei olhando, imaginando que ele era o tal Thomaz. Um arrepio percorreu meu corpo todo e senti um cheiro forte de podridão, como se alguém tivesse jogado carniça em mim. Percebi que ele me encarou e aquilo me causou pavor.

Entrei no carro e só parei ali para entregar as chaves ao casal. Não consegui olhar para Amanda e não fiz questão de me apresentar ao homem, muito menos saber quem era. Ele teve a mesma reação, era como se eu não estivesse ali.

— Eu vou ter que ir embora mais cedo do que o previsto, dona Rosária. Aqui estão as chaves e agradeço por tudo. — Entreguei com as mãos trêmulas.

— Num vai nem vê seu primo, dona Rebeca?

— Eu vou até a clínica, lá eu converso com ele e vejo se precisa de ajuda com meu tio.

— Tá certo. Adeus, dona Rebeca.

Balancei a cabeça e entrei no meu automóvel. Meu coração berrava para que eu arrancasse a Amanda dali, mas meu cérebro mandava eu seguir em frente. Fui me afastando até que olhei pelo retrovisor e vi que o homem

misterioso pegou Amanda bruscamente e a enfiou no carro dele; foi nessa hora que meu coração mandou meu cérebro calar a boca. Dei meia-volta e acelerei para cima do carro dele. Fechei os olhos e pedi a Deus para que o airbag funcionasse. Funcionou. Me livrei do airbag com um pouco de dificuldade, sai afobada e gritei.

— Onde pensa que vai com a menina?

Ninguém saiu do carro, fiquei com receio de que eu os tivesse matado, mas a batida não tinha sido tão forte assim. O casal, que na verdade atendiam por Antônio e Helena, estavam atônitos; me aproximei deles, o ódio exalava pelos meus poros.

— O que fizeram com os verdadeiros avós dela?

Foi então que Antônio sacou uma arma e apontou para a minha cara. A sensação da morte iminente é algo surreal: um filme passa em nossa mente em fração de segundos. Automaticamente, ergui os braços enquanto pensava em minha mãe e em meu filho.

— Apenas me entregue Amanda e eu vou embora.

— Amanda é nossa fonte de riqueza, o que você quer com ela, sua vadia?
— gritou Antônio, enquanto sua saliva respingava em meu rosto.

— Quero que ela tenha uma vida digna. Vocês são doentes, o que estão fazendo com a pobre coitada?

Fui caminhando para trás, o coração pulsava na minha garganta. Senti a secura em minha boca, estava morrendo de medo de levar um tiro na cabeça. Antônio ainda apontava a arma em minha direção, mas percebi que em seus olhos ainda havia um resquício de sanidade, diferente de sua esposa. Cheguei até o carro preto e abri a porta de trás, temendo ser atingida também. Para minha surpresa, não havia ninguém no banco traseiro. *Cadê ela?* Olhei para os bancos da frente e vi que Thomaz tinha uma mordida na jugular e ele segurava com força seu próprio pescoço. Minha cabeça estava quase fundindo, onde diabos Amanda tinha se enfiado? Foi então que tudo sumiu; eu havia sido golpeada na cabeça por um pedaço de pau, por Helena, antiga Rosária.

*

Abri os olhos aos poucos e demorei a me situar. A cabeça latejava e tinha sangue em minha roupa, proveniente do corte. Gemi de dor e consegui me

sentar. Era um quarto sem nada; olhei pela janela e já tinha escurecido. O silêncio era angustiante, mais do que ter as mãos amarradas. O desespero foi tomando conta de mim, certamente eles haviam matado meu primo e eu nunca mais veria minha mãe e meu filho. Foi então que ouvi berros e grunhidos dos porcos. Antônio e Helena berravam lá fora, e os porcos faziam um barulho aterrorizante. Rastejei até o canto do quarto, como se aquilo fosse me proteger.

A porta do quarto estava fazendo barulho, parecia alguém batendo com a palma da mão, me mantive quieta. O suor descia pelos meus olhos, o que os fazia arder, as porradas na porta continuaram, então eu gritei.

— Acabem logo com essa merda e me matem de uma vez, desgraçados.

Foi então que a porta foi arrancada por um porco enorme. Ele trazia em sua boca pedaços de vísceras, me encarou e grunhiu freneticamente, ali era o meu fim. Eu sabia que porcos comiam humanos quando necessário; me encolhi, revivi toda minha vida em segundos. Não pude deixar de pensar que eu seria uma escritora famosa, porém, depois de morta. Fechei os olhos e então ouvi a melodia. Cerrei os olhos e vi o brilho metálico da cadeira de Amanda na porta.

— Para fora, Balu, anda! — ordenou Amanda ao grande cachaço.

— Como você está viva? Onde você se enfiou?

— Parece que não está feliz em me ver, Rebeca! Oras, eu cresci com os porcos, rolava com eles, rastejava na lama, brincava, alimentava e com o tempo descobri o quanto eram espertos e obedientes. Nunca passou nada ruim nessa cabeça branca, sempre fiz tudo na brincadeira, até esse casal chegar junto com o maligno do Thomaz.

— Quem era esse Thomaz, afinal?

— Ele se dizia feiticeiro, era de uma região onde ainda acreditam que nós, albinos, somos seres mágicos e que se fizerem amuletos com pedaços de nossos corpos, vão ter riqueza e poder. Eles faziam parte de uma seita.

— Como descobriram você? Seus avós?

— Em um dos rituais. Você sabe que lugares afastados são os preferidos para esse tipo de coisa. Eu estava no sítio Paraíso, que fica relativamente próximo daqui, com meus avós, que eram os caseiros de lá, tomando suco de erva cidreira e uma grande van preta parou para “pedir informações”;

nunca me esqueço do tom de voz do Thomaz quando me viu, ele vibrou enquanto alisava meus cabelos. Eles estavam indo para o pé da serra, fazer aquilo que acreditavam. E eu estava no lugar errado e na hora errada.

Aquilo era muito surreal. Se alguém me contasse essa história, eu jamais acreditaria. É o tipo de história que se conta em livros e filmes.

— Mas o Antônio acreditava que você trazia mau presságio e não que era um ser mágico.

— Sim, era isso que Thomaz dizia a eles, porém, segundo ele, quem tivesse um albino sob seu poder, deveria aguentar os tempos difíceis, pois, no final, a recompensa seria milhares de moedas de ouro. Na verdade, Thomaz descobriu um mercado negro voltado para feitiçaria, e queria vender várias peças feitas com pedaços do meu corpo.

Eu estava completamente desconcertada com aquele monte de informações. Olhei para sua perna amputada e a bile ferveu em minha garganta.

— Como fugiu do carro?

— E agora entra você. Quase imaginei que iria me abandonar, mas na hora que você bateu no carro dele, ele levou uma pancada na cabeça, ficou meio tonto e eu mordi sem dó a jugular dele. Então abri a porta do outro lado e rolei até o chiqueiro, Rosária e José Mauro estavam muito ocupados prendendo você. Vesti minha cabeça de porco e me juntei a eles, que já estavam acostumados comigo.

— Como sabia onde era a jugular? Você mal enxerga, Amanda.

— Rebeca, nunca menospreze os outros sentidos de uma cega ou quase cega: toques, cheiros, sons, já te disse. Agarrei com minhas mãos no pescoço dele, senti o sangue pulsando e não tive dúvidas.

— Cadê Antônio e Helena? — As lágrimas brotavam sem controle dos meus olhos.

— Viraram comida de porcos — Amanda disse friamente enquanto sorria.

— Na hora certa, eu dei a ordem aos porcos, que já estavam famintos. Eu os treinei por meses para obedecerem aos meus comandos, não foi tão difícil assim.

— Está com raiva de mim? — perguntei receosa, com medo de que ela ainda pudesse me ferir ou até mesmo matar. — Sabe algo sobre meu primo? Não vai me dizer que ele fazia parte disso!

— Não estou com raiva de você e seu primo está na clínica com seu tio faz uns cinco dias, quem te atendeu foi um dos capachos de Thomaz, se passando pelo seu primo com gripe, para você não desconfiar de nada, já que tinham o hábito de se falarem sempre nos mesmos dias e horários, eles só não contavam que você viria para cá. Seu primo apenas esqueceu o celular, ele saiu apressado.

Respirei aliviada Com certo sacrifício, consegui me levantar e Amanda cortou a fita que prendia minhas mãos. O cenário era aterrador: havia pedaços de corpos e muito sangue espalhados por toda varanda; o rastro seguia até o chiqueiro, para onde os porcos arrastaram os corpos e terminaram seu banquete. Havia pedaços humanos espalhados, vísceras, pernas, carne, braços e mechas de cabelo, grisalhos.

Olhei para Amanda, tão frágil e acuada, ninguém diria que ela era a arquiteta daquele palco do horror.

— Como, Amanda?

— Qualquer porco come pessoas, Rebeca, tudo depende de alguns fatores, mas qualquer um come. Eles foram treinados por mim, já disse.

As informações estavam embaralhadas em minha mente, não conseguia processar tudo de uma vez. Por um instante achei que fosse desmaiar.

— Como meu primo nunca percebeu que seus avós não eram seus avós?

— Chegamos aqui faz apenas seis meses e eles mataram meus avós faz um ano. A questão é que sempre moramos em sítios e meus pais nunca me quiseram por motivos óbvios.

Fazia um ano que Amanda sofria todo tipo de abuso possível e imaginável por pessoas gravemente doentes, mentalmente falando. Aquilo partia meu coração.

11 de agosto de 2018

04:00

Rebeca

Deitei na grama, próximo ao chiqueiro, eu não tinha forças para sair dali e, ainda que tivesse, meu carro não funcionava mais. Deitei e finalmente vi o céu estrelado do interior, era lindo e mágico. Aquilo, sim, era magia.

Amanda me encarava da sua cadeira de rodas. Confesso que eu ainda sentia medo dela. O celular apitou, era o do meu primo, avisando sobre o remédio. Ouvi um carro estacionando, mas meus olhos estavam pesados e minha cabeça ainda sangrava. Acordei com um homem me olhando e as luzes vermelhas girando, formando lindos mosaicos no chão.

— Rebeca?

— Sim, eu sou a Rebeca. — A voz quase não saía.

— Ela está viva, ela está viva, tragam a maca urgente.

— Como chegaram até aqui? — perguntei ainda atordoada.

— O vizinho da frente, o senhor João, nos ligou lá da torre, disse que havia algo estranho acontecendo aqui, encontrou muito sangue na beira do rio. Demoramos a chegar pela distância e pela lama. Infelizmente, descobrimos o corpo da esposa dele em um dos freezers junto aos corpos da verdadeira Rosária e do verdadeiro José Mauro.

— Algum outro corpo? — Olhei em seu uniforme, buscando um nome. — Sargento Sartori? Mas eles mataram Rosária e José Mauro faz meses, como pode?

— Não senhora, seu primo está bem, se é isso que te aflige, fique em paz. Falamos com ele agora pouco, conseguimos acalmá-lo. Quanto aos corpos, bom, eu nem sei como dizer isso, é algo insano. Apenas descanse.

— E a Amanda? Cadê ela?

— Que Amanda?

— A garotinha albina, que usa cadeira de rodas. Ela não tem uma perna e é corcundinha.

— Não há nenhuma garotinha assim, senhora.

Entrei na ambulância, pois não tinha alternativa e estava fraca demais. Fiquei olhando para o teto, imaginando onde estaria Amanda. Então um senhor entrou, era o vizinho, senhor João, que procurou pela esposa durante um mês, sem sequer desconfiar que havia sido assassinada por Antônio e Helena, justamente por ela ter desconfiado de algo.

— Como você está? — ele perguntou educadamente colocando as mãos em minha testa.

— Estou bem, apenas preocupada com...

Foi então que uma linda garotinha subiu na ambulância: era ruiva, olhos grandes e audaciosos, vestia um lindo vestido branco. Ela me encarou profundamente e sorriu.

— Rebeca escritora, acho que você acaba de ganhar uma excelente história para seu próximo livro, hein? — ela perguntou alegremente, movendo freneticamente suas sobrancelhas vermelhas.

Eu estava em choque, aquilo estava acontecendo debaixo dos meus olhos, mas eu não conseguia conceber.

— Não costumo escrever terror — respondi com a voz fraca e falha.

— Ora, ora, Rebeca escritora, tente a fantasia então.

— Amanda?

Os dois colocaram o indicador na boca.

— Shiiiiiu!

— Existem feitiços para o bem também, senhora Rebeca — disse o senhor João calmamente. — Tudo depende do que carrega em seu coração.

Os dois desceram da ambulância assim que os paramédicos entraram e uma forte luz branca me cegou; acordei três dias depois.

Tive alguns dias de fama, tanto pelo livro quanto pela tragédia no Sítio de Sossego. Meu primo e meu tio estavam bem, apesar da traqueostomia realizada, e isso me fez lembrar do pesadelo que tive. Raphael decidiu vender o sítio, algo que eu já previa, e comprar uma casa bem próxima da clínica. O sítio valia um bom dinheiro, e ele conseguiria se virar por um tempo, até conseguir outra fonte de renda.

Em um dos jornais, me deparei com a reportagem sobre o senhor João, que havia morrido no mesmo instante em que a polícia o avisou sobre o corpo de sua esposa encontrado; o coração daquele pobre homem não aguentou. João havia me salvado. Fiquei quase quatro dias sem dormir após isso. Nos maiores jornais locais, a reportagem principal era sobre os corpos de Rosária e José Mauro. Antônio e Helena fatiaram alguns membros e os congelaram, carregando com eles por onde passavam. Várias hipóteses foram levantadas, inclusive canibalismo, e isso sempre me revirava o estômago, afinal, eu havia jantado com eles, mas todas as matérias concluíram que era por causa da seita de Thomaz, que por sinal estava foragido. Não encontraram seu corpo e o maldito estava vivo ainda, pelo

que tudo indicava. O mais perturbador é que nenhum jornal mencionou a Amanda, não havia registros.

Tive alta e comecei um tratamento psicológico. Muitas vezes pensava em Amanda. Após algumas semanas, passei em frente a uma grande loja de animais e ao invés de cachorros, havia lindos porquinhos rosadinhos à venda. Olhei para eles e um em particular me chamou a atenção. Tinha umas penugens brancas na cabeça, era menor e não tinha um dos olhos. Ele veio até o vidro.

— Se quiser pode levar de graça, esse não terá mercado e são ótimos animais de estimação — disse o vendedor, fazendo pouco caso do porquinho.

— Eu sei, além de serem espertos e obedientes — respondi sem olhar na cara dele, com o olhar fixo no porquinho.

Peguei o porquinho e seguimos para casa. Era uma menina. Era minha Amanda.

FIM



Apesar de ser uma ficção, infelizmente, esse tipo de atrocidade ainda acontece em alguns países e regiões da África.

CURIOSIDADES REAIS:

A perseguição aos albinos é baseada na crença de que poções que utilizem partes dos corpos dos albinos podem transmitir poderes mágicos. Tal superstição é especialmente presente na região dos Grandes Lagos Africanos, e tem sido promovida e explorada por feiticeiros e por outras

peças que usam partes dos corpos em ingredientes, rituais e poções, alegando que sua magia irá trazer prosperidade para o usuário. Como consequência, pessoas com albinismo têm sido perseguidas, mortas e desmembradas, além de túmulos de albinos serem violados e os cadáveres desenterrados. Ao mesmo tempo, pessoas albinas têm sido exiladas e até mesmo assassinadas pela razão oposta, porque trariam má sorte. A perseguição a indivíduos com albinismo ocorre principalmente em comunidades da África Subsaariana, em especial no Leste Africano.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço essas duas pessoas incríveis: Pétala Piovesan e Bia Bulgarelli, que foram minhas betas, e Diene Almeida, que revisou cada detalhe desse conto.

HEY, PSIU!

Se você gostou desse conto, deixe sua avaliação, por favor! Prometo que não vai demorar e você ajuda essa autora nacional! Obrigada, espero te ver na minha próxima história.